

# JORNAL da ANE

Associação Nacional de Escritores  
ANO XII, nº 91, dezembro/2018

Este projeto é realizado com recursos do  
Fundo de Apoio à Cultura do Distrito Federal

**FAC**  
FUNDO DE APOIO À  
CULTURA

Secretaria de  
Cultura



GOVERNO DE  
BRASÍLIA

## ANDAR ÀS VOZES EM LUIZ OTÁVIO OLIANI

Diego Mendes Sousa

**S**empre atento aos que tudo dizem em poemas, Luiz Otávio Oliani é um observador, um rabisador da memória poética dos poetas por deuses eleitos, aves eternas e paragens numinosas! *Palimpsestos, Outras Vozes e Águas (2018)*, dividido assim em três partes, em triplo momento de escolhas afetivas, recupera o Tempo criador, sendo um livro de resgate, lavagem de uma Língua preservada.

O levante é imenso e líneo, carrossel turbulento de nomes consagrados, em uma costura justa e metalinguística.

O carioca Luiz Otávio Oliani leu Carlos Drummond de Andrade, João Cabral de Melo Neto, Cecília Meireles, Manuel Bandeira e os outros exímios modernistas, além de alguns autores estrangeiros como Franz Kafka e Bertold Brecht, este com a imagética do imprescindível. Constatou que os românticos são contemporâneos em Gonçalves Dias. Rendeu votos às ilu-

minações literárias exemplares para si mesmo: Ferreira Gullar, Lêdo Ivo, Mario Quintana e Thiago de Mello.

De modo que os palimpsestos de sua própria expressão não são meras repetições de dicções. O rio sonoro está ali, pulsando, mas há Oliani projetando uma arquitetura que se reutiliza da sabedoria reencontrada nos seus ídolos. Guimarães Rosa, sobremaneira, é um rastro evocativo dentro do corpo a corpo deste processo evoluído de remargear vastidões.

Em seu poema *Estatutos do Homem* é impressionante como o artesanato da palavra recolhida evidencia o novo, em um reclame de Século XXI.

Luiz Otávio Oliani não faz paródia. Tem-se um poema sublime, que marca a sua época, testemunhando e argumentando sobre a pedra e o entrave desumanos.

Continuação na página 5

## VIDA E MORTE DE UM GRANDE AUTOR

Marcelo Torres

**E**ra um tipo caboclo, definia-se como um misto de celta, tapuia e grego. Nasceu numa fazenda de nome Saudade, num arraial chamado de Santa Rita do Rio Negro. Contava três anos de idade quando ficou órfão da mãe, que morreu de tuberculose, doença que ele próprio teria depois. No mesmo ano foi morar em outra cidade, com um tio — este, meses depois, também faleceu. O menino, forçado pelas circunstâncias, passou a viver de cidade em cidade, em casa de parentes.

Aos catorze anos já escrevia poesias no jornal do colégio, onde também se destacava em ciências exatas. Entrou para uma instituição militar, cursando engenharia, aderiu à campanha pela instituição da República no país. Um dia esteve na escola um ministro defensor da monarquia. Enquanto este circulava entre as fileiras, o cadete, em ato de protesto, atirou sua arma aos pés do visitante. Foi preso — o exame médico, no hospital militar, apontou “esgotamento nervoso por excesso de estudo” — depois foi expulso.

Na tarde de 15 de novembro de 1889, dia da proclamação da República, ele foi até a casa de um militar de alta patente pedir-lhe apoio para sua reintegração — e de fato, nos dias seguintes, foi readmitido, agora como alferes-aluno. Foi, contudo, naquele mesmo dia histórico, na mesma casa, que um outro fato

marcaria para sempre o seu destino: ele, vinte e quatro anos de idade, se encantou pela filha do anfitrião, uma moça de quinze anos, menina bonita, poliglota, tocava piano. Vencendo a timidez, escondido do pai da moça, ele entregou a ela um bilhete: “Entrei aqui com a imagem da República e parto com a sua imagem”.

Dez meses depois se casariam. Em seu diário, que veio a público décadas após a morte de ambos, ela revelaria que, na noite de núpcias, ele foi “violento em seu ímpeto carnal”. Virgem e insegura, ela não teria consentido o ato sexual, ao que ele teria reagido com insultos, chamando-a de vaca, além de rasgar as roupas dela. No seu diário, ela escreveu o seguinte:

“Ignorante nesses mistérios da vida conjugal, senti-me horrorizada, estarecida. Entre lágrimas e lamentos, supliquei-lhe o regresso para a casa dos meus pais, dizendo-lhe que se soubesse, se antes tivesse sido informada de que o casamento consistia em um ato tão impudico, tão violento, tão repugnante, não teria me casado. E ele, exasperado e enciumado, longe de abrandar-me e conquistar-me pelo carinho e pela ternura, insultava-me como um alucinado, rompendo nos maiores destemperos, tomando os meus vestidos e despedaçando-os todos, nas maiores ameaças.”

Continuação na página 7

## TRIBUTO A JORGE DE LIMA

Batista de Lima

**J**orge, essa esperança, que pões nos braços dos meus combalidos sonhos, é uma embarcação embriagada que se esqueceu do porto de chegada. Antevejo-me chegando por aí e encontrando Murilíssimo ao lado de Deus e tu latejando épico do lado esquerdo divino. Por aqui não está fácil plantar jardins além da dor, nem contar estrelas verdes que se banham no leite profundo que do sonho emerge. Dos porões dos teus versos uma capoeira trescala mitos entre a água do açude e o fogo da fornalha em que se enterram sete lastros de perguntas.

Alagado de Alagoas, mergulhaste no Rio, criando peles para um mundo órfão de texto e teto, quase incurável de incertezas. Nesta manhã umbrosa em que te escrevo, um sol apodrecido borra as margens que a aurora fluviou. E teus pés amarrados de certitudes e certidões não torcicolaram as atitudes. Por isso que, no calor do dia, interrogavas por que, maduros pelos dias, cambiávamos o sol e o sal da terra que nos viu ver a vez primeira. É que no profundo das coisas, coisas outras se erguem em pedidos de socorro, querendo a palavra teto, carapaça protetora para enfrentar o mundo.

É, de Lima, teus cantos doem, corroem e limam nossos nós. Tu vês que no grande ser profundo, a musa intacta dorme e muita coisa palustre e bela mostra sua garupa. Basta, pois, de toques a campainha, se não queres ingresso na choupana do simples. Sou feito de palavras ancestrais que se vitimam diante de teu arcabouço de novos signos. Naquela terra que me viu brotar, os cavalos adivinham as chuvas, os galos marcam as horas e os sapos festejam as chuvas. Por isso que, se nesses verbos, de mim sinto falta, culpo teu estro que me manda suspender a frase e engolir a fala.

És inúmero em encantamentos, poeta. Esse despir-se das coisas te fez ilha, onde um copo de água te faz marinheiro num veleiro sem velas. Do teu peito de cordas, plangem as epopeias de um passado desenterrado. Não é fácil fluviar entre cardumes de mitos, por isso perco meus braços com o peso dos teus manuscritos. Afinal, nas águas que sobraças, dançam peixes devassados. Nas águas que te verbam tudo é lícito e sagrado. Nas águas que salitras, tudo redura de retornos.

Continuação na página 3

# A PALAVRA (PERDÃO!) AVUNCULAR

Danilo Gomes

A língua portuguesa, neolatina, enriquecida por brasileirismos, é riquíssima de vocábulos, todos sabemos. São milhares de palavras raras e preciosas, muitas delas com etimologia grega, latina, africana, tupi-guarani, árabe, céltica, saxônica, etc.

Hoje, 27.12.2017, a três dias de completar 75 anos de idade, aprendi mais uma palavra. Confesso de público, socraticamente, que a desconhecia. Não é um termo bonito, como aurora, vitória-régia, alvorada, mar, passaredo, brumado, ventania, savana, chalana, Bertioiga, Marengo, Realengo, Mondego, Ipoema (distrito de Itabira, MG, onde está instalado o Museu do Tropeiro), etc.

A tal palavra é... avuncular. Parece com (perdão!) furúnculo, palavra mais feia ainda. Palavra mais horrível ainda é (perdão, novamente) escrófula, termo da Medicina. São verdadeiros palavrões. Cáspite!

Primeiramente, li a palavra avuncular no livro de Michel Parenti, "O assassinato de Júlio César – uma história popular da Roma antiga" (S.P., Record, 2005, trad. de Berilo Vargas). O autor se refere aos clássicos "Júlio César", de Shakespeare, e "César e Cleópatra", de George Bernard Shaw, a partir dos quais ele se aprofundou no estudo da história da "luta popular e poder oligárquico" (o autor é, claramente, marxista, mas ideologia não vem aqui ao caso, cada um faz suas escolhas).

Naquela época, o general e escritor Júlio César (então conhecido como Caio César) tinha 53 anos e Cleópatra, a rainha do Egito, mais ou menos 23. Eles tiveram um filho, Cesarion, que morreu criança, talvez assassinado. Cleópatra passou uma temporada em Roma, onde o Imperador a instalou numa luxuosa villa, do outro lado do Rio Tibre, onde grandes políticos – e até Cícero – a visitavam, deslumbrados. Conhecer a célebre rainha era uma dádiva dos deuses, uma graça de Ísis.

Escreve Michael Parenti: "César e Cleópatra", de George Bernard Shaw, é charmosamente escrito e muito envolvente. O César de Shaw é um sujeito bondoso, já de certa idade, que aceita com relutância um relacionamento avuncular com Cleópatra. No primeiro encontro, quando ainda não sabe quem ele é, ela o chama repetidamente de 'velho senhor'. Está claro, desde o início, que não haverá interesse romântico entre eles por causa da idade de César e da imaturidade da jovem rainha."

Embatuquei nesse avuncular. Fui ao prestante Dicionário Aurélio, em que trabalhou o mestre filó-

logo Joaquim Campelo Marques, e lá estava registrado que avuncular vem do latim *avunculus*, *tio materno ou que envolve tio ou tia*.

Ainda no Aurélio, aprende-se que avuncularo é relação institucionalizada que, em muitas sociedades, vigora entre o tio materno e os filhos de sua irmã, implicando uma série variável de direitos e deveres de parte a parte.

No mesmo dia li, no "O Estado de S. Paulo", onde, às terças-feiras, publica suas antológicas crônicas o escritor Humberto Werneck, um artigo do professor Roberto Damatta, em que a palavra volta a despontar, numa lúcida e primorosa análise política da realidade brasileira.

Damatta, a certa altura, se refere ao caso de um Natal de sua infância, sob o título "O saco de Papai Noel". Ali ele conta que seus tios Sílvio, Mário e Marcelino lhe revelaram, quando ele era menino, que Papai Noel não existia. O tio Marcelino, "o comunista da família", dizia que Papai Noel era uma invenção capitalista.

Fato é que a bicicleta do menino Roberto apareceu, no dia de Natal. E o autor anota: "Mas eu vou tocando a mesma bicicleta numa estrada pavimentada pelos meus sentimentos de gratidão por ter tido aquele Natal avuncular tão revelador. E você, leitor? Você ainda acredita em Papai Noel? A propósito, você tem tios?"

Fui consultar outro mestre, Antônio Houaiss. Ali está, na sua também prestante "Enciclopédia e Dicionário Ilustrado": "AVUNCULAR adj. Que se refere ao tio, à tia: poder avuncular. Ali está, também, o significado de avuncularo, que é "autoridade de tio materno sobre os sobrinhos, em certos povos primitivos."

Pois é, uncular tem a ver com unha, mas avuncular nada tem a ver com avô, como eu, erroneamente, deduzira.

A cada curva da estrada da vida topamos com uma palavra desconhecida. E isso é bom: o prazer da descoberta. É como diz o outro: "Vivendo e aprendendo." Como escreveu o poeta Fernando Pessoa, numa de suas iluminações: "Minha pátria é a língua portuguesa." Pátria: berço, solo, terra, antepassados, bandeira, hino, memória, tradições, família, amigos, sepultura. É o traçado geral da existência. Claro: nem sempre é simples assim; cada caso é um caso.

No mais, é como escreveu Felipe Nunes, no livro "A arte da música": "Emende e acrescente quem souber e aprenda quem não souber, e todos deem graças ao Senhor."

## Soneto do Mês

O VENENO

Medeiros e Albuquerque



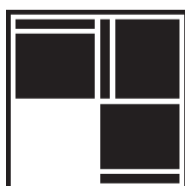
Era um doido já velho, o olhar tão doce  
que parecia feito de meiguice;  
nada de áspero e mau que repelisse  
quem o buscasse ver; nada que fosse

grosseiro e extravagante. Aproximou-se  
e, como atento e plácido me visse,  
foi com fina ironia que me disse,  
quando uma estranha fórmula me trouxe:

"Nunca remédio teve mais virtude  
nem mais doenças curou." E com um brando  
tom de voz ajuntou: "Já não é pouco."

Li a receita: era um veneno rude  
e fulminante. E eu me afastei pensando  
se aquele louco era deveras louco...

(Seleção de Napoleão Valadares)



Associação Nacional de Escritores

www.anenet.com.br

SEPS EQS 707/907 Bloco F – Edifício Escritor Almeida Fischer  
CEP 70390-078 – Brasília – DF  
Telefones: (61) 3443-8207 / 3242-3642  
E-mail: ane.df@terra.com.br

28ª DIRETORIA  
2017-2019

Presidente: Fabio de Sousa Coutinho  
1º Vice-Presidente: José Carlos Brandi Aleixo  
2º Vice-Presidente: Edmilson Caminha  
Secretário-Geral: Roberto Nogueira Ferreira  
1º Secretário: Jolimar Corrêa Pinto  
2º Secretário: Joel de Medeiros

1º Tesoureiro: Salomão Sousa  
2º Tesoureiro: Ariovaldo Pereira de Souza  
Diretora de Biblioteca: Sônia Helena  
Diretora de Cursos: Kátia Luzia Lima Ferreira  
Diretor de Divulgação: Paulo José Cunha  
Diretor de Edições: Afonso Ligório  
Conselho Administrativo e Fiscal: Adirson Vasconcelos, Alan Viggiano, Anderson Braga Horta, Danilo Gomes, José Jeronymo Rivera, José Peixoto Júnior e Napoleão Valadares.

JORNAL da ANE nº 91 – dezembro/2018

Editor

Afonso Ligório Pires de Carvalho  
(Reg. FENAJ nº 286)

Revisão

Napoleão Valadares

Conselho Editorial

Adirson Vasconcelos, Anderson Braga Horta,  
Danilo Gomes, Edmilson Caminha e  
Fabio de Sousa Coutinho

Programação Visual

Cláudia Gomes

Composição e impressão: Centro Editorial e Multimídia de Brasília.  
SIG. Qd. 8 – Lote 2356 – CEP: 70610-480 / Brasília – DF – (61) 3344-3738  
www.thesaurus.com.br

Toda colaboração não solicitada será submetida ao Conselho Editorial.

# TRIBUTO A JORGE DE LIMA

Batista de Lima

Prezado esculápio, tua febre felpuda, toda vestida de tardes, é a mão pesada de Orfeu em delação de coisas findas. Por isso que nessas horas despencadas, abrimos nossos bolsos de condutas e liberamos as musas que acabamos por matá-las. Mesmo assim serás dia onde a noite for reinar, pois teus versos não se abatem onde há trevas, nem têm medo da caranca das lonjuras. Por isso que dorme e sonha, no dentro escuro do teu poema, uma vertigem de longo sono, amarrada no silêncio do semblante. Quando lambes a placenta do signo, um cavalo, todo feito de léguas, interpreta, lendo comigo os teus versos. Daí que são fiéis as palavras e as dores que me ligam a ti.

Estimado vate, também gosto da hospitalidade da poesia, com seus mares de símbolos latentes, neste mundo de aconteceres procelosos. Enquanto a grande noite não me golfar de sombras e terrores, vou por aqui roendo tua poesia

pelos beiradas do verso. Se a noite e a floresta se deitam juntas nos teus versos é porque os soluços da treva procuram falar pela garganta das coisas. Acho culminante quando, do âmago do nada, extrais cordilheiras para o leitor escalar sem freios. Acontece que também há momentos em que teu verso é tão amargo que espanta os passarinhos que no estômago guardamos.

Senhor menestrel das figurações, plantaste eternidades nos teus roçados verbais, e agora colhemos os frutos, fora aqueles bicados por incertezas que perdemos tragados pela pressa. Na união dos teus palmares, aquele cordão que te ligou à mãe por lá te espera ligando o céu à terra. Quanto aos ocasos, por lá eles vagueiam pelas asas dos insetos. Lá uma noite perdida sai vagando montanha acima, gritando teu nome e repetindo teus versos. Tuas imagens e melodias dançando entre o épico e o lírico vão pintando este Brasil de caboclo de mãe Chica e pai João. Por isso, ao tentar atravessar

esse caudaloso rio de imagens que criaste, quase me afogo no meio dessa multidão de mitos e metáforas que inventaste.

Querido amigo Jorge de Lima, assim como os generais, também foste partido quando partiste. Agora as raízes das tuas terras perderam a rega que teu gênio alumiaava. E enquanto teus olhos me espiam tristes pelas frechas das oitavas, ainda rastejo rascunhando meus quartetos coxos e canhotos. Assim, as palavras me devolvem seus silêncios, todas rouquenhadas de por ti tão possuídas. Portanto vou agora olhar a lua no seu banho sobre as águas, enquanto as palavras descansam como noivas depois que se lançam no teu colo. Enquanto isso, vou amando as pessoas e utilizando as coisas que nos enganam com seus pelos. Agora que o sol se põe triste em despedida, quero te dizer que se um dia perguntarem pela floração do meu plantio de símbolos, vou dizer que foi por teres inventado as sementes que plantei.

# AS AVENTURAS DO MONSENHOR QUIXOTE

Vera Lúcia de Oliveira

Viajar para desasnar, diz o ditado. Parece que não há nada melhor que viajar na companhia de um amigo querido e partilhar experiências, emoções e conhecimentos. Mas, pelo visto, há outra viagem melhor ainda: quando o “inimigo” preferido é quem nos acompanha – como vemos no romance *Monsenhor Quixote*, do campeão de popularidade e ícone da literatura inglesa e universal do século 20 Graham Greene, livro cuja graça, inteligência e sabedoria coloca-o no topo da lista dos livros que gostaríamos de escrever...

O ingênuo padre Quixote, por uma trapaça da sorte, viu-se promovido a Monsenhor, o que lhe causou grande espanto e lhe traria mais aborrecimentos que alegria. É, portanto, na condição de autoridade eclesiástica, devidamente paramentado com meias roxas e “pecherra” que ele sai em viagem pela Espanha na companhia de Sancho, ex-prefeito de El Toboso, ateu e comunista, no carro/asno de trinta anos que só anda a trinta quilômetros por hora, chamado muito adequadamente de Rocinante pelo padre/monsenhor.

Tudo nessa viagem encanta e diverte o leitor: desde a inusitada amizade dos dois, opostos diametralmente em tudo, quer dizer, quase tudo, porque partilham do gosto pelo bom vinho manchego que levam em grande quantidade e rega as discussões sem fim sobre materialismo e religião, marcadas pela cultura, respeito e humor ácido de ambos. Dizem tudo o que pensam. *In vino veritas*. Discutem, viajam, param, bebem, comem os bons queijos e salames e dormem na relva, à beira das estradas, como convém a descendentes de tão famosos aventureiros. E o abusado Sancho iniciou o Padre Quixote na leitura materialista: “– Então comece com o *Manifesto Comunista* de Marx. O *Manifesto* é pequeno e Marx é um escritor muito superior a Lênin.” Padre Quixote observa ao amigo que a vantagem de crer tão fervorosamente no profeta Marx é que ele “não precisa mais pensar por si mesmo”.

Mas a paz não dura muito, pois a dupla começa a se meter involuntariamente em complicações, que só aumentam. Tornam-se fugitivos, foragidos da lei. O humor fino do livro é sua marca registrada. Humor à maneira dos grandes moralistas que transformam a anedota em motivo de reflexão. Cada nova embrulhada é também um novo aprendizado para a dupla, sobre si mesmos e sobre a natureza humana. Enfrentaram os moinhos de vento

com galhardia e se descobriram um no outro. Descobriram também o valor da amizade na diferença e demoliram certezas e convicções, que nada mais são do que pensamento engessado. Como os seus “ancestrais”, saíram da zona do conhecido e viveram todas as aventuras na pátria espanhola, recém-saída do franquismo e ainda com os resquícios do autoritarismo. Como ser comunista num país tão católico? Como ser católico num país marcado pela Guerra Civil e pela força das ideias revolucionárias anticlericais?

Que personagens são essas, descendentes de personagens fictícias?

Ler um livro culto assim, com história tão engenhosa e rica, que homenageia, e encantaria, o “ancestral” do Monsenhor, o verdadeiro (?) *Dom Quixote*, pai do romance ocidental moderno, é uma experiência verdadeiramente literária.

Se perguntássemos a Dostoiévski que livros ele mais amou, a resposta seria certamente a seguinte: “*A Bíblia*, no céu; *Dom Quixote*, na terra.” E nada mais precisa ser dito.

## O OVO E A GALINHA

Eduardo Fontes

A galinha pôs um ovo  
branco como uma argila,  
oval como uma ogiva,  
uma bomba expelida,  
capaz de explodir em vida!...





## FUNDADORA DA ANE LANÇA NOVO LIVRO DE POEMAS

Na Quinta Literária de 8 de novembro, nossa associada e fundadora Lina Tâmega Peixoto proferiu palestra intitulada *As Projeções do Barroco na Poesia de Cecília Meireles*.

Após a apresentação, Lina autografou, no foyer do Auditório Cyro dos Anjos, seu mais novo livro de poemas, *Alinhavos do Tempo*. Na foto, a Autora aparece com os associados Anderson Braga Horta, José Jeronymo Rivera e Fabio de Sousa Coutinho e o editor Tagore Alegria.

## MUSEU NACIONAL

*Emanuel Medeiros Vieira*

“As cinzas se tornam parte da paisagem, assim como a pobreza, a sujeira, a violência. Aprendemos a desviar dos miseráveis, a ignorar a podridão das praias, a aceitar chacinas. Quem vai se importar com um museu quando o fogo da indignação apagar?”

Espero estar errada.”

(Mariliz Pereira Jorge)

“Um povo sem memória é um povo sem história. E um povo sem história está fadado a cometer no presente e no futuro, os mesmos erros do passado”.

(Emília Viotti da Costa)

O “New York Times” estampou: “Brasileiros choram a perda de um museu, e o declínio de uma nação”.

O “Wall Street Journal” escreveu: “Tesouros do continente em jogo no incêndio de museu do Brasil”.

Como observou Elio Gaspari, “quem viu as primeiras reações dos hierarcas da burocracia cultural diante da tragédia da Quinta da Boa Vista teve o sofrimento adicional de ser tratado como cretino.

O incêndio foi um acidente previsível, mas ainda assim foi um acidente. A estupidação oferecida pelos hierarcas foi empulhação deliberada

(...). Transferir a responsabilidade para a choldra que paga impostos é pura empulhação”.

FOI A CRÔNICA DE UMA MORTE ANUNCIADA: gambiarras, infiltrações, fios expostos etc.

NOSSOS EX-PRESIDENTES VIVOS E O ATUAL (ao todo, seis), NUNCA PISARAM OS PÉS NO MUSEU.

PARA NOSSOS GOVERNANTES, CULTURA é artigo de segunda necessidade é algo descartável.

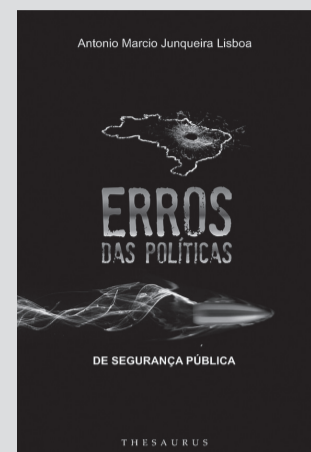
O que vale são obras “vistosas”: estádios – hoje às moscas – para a Copa do Mundo. E o Legado Olímpico?

Preferem oferecer muito dinheiro para cantores (“Lei Rouanet” –, via incentivos), que já são muito ricos o suficiente, e não precisam desses recursos, pois já garantem o lucro na bilheteria dos seus shows.

Pagamos o PREÇO DO DESLEIXO PELA CULTURA, PELA MEMÓRIA NACIONAL. E tudo isso é irreparável.

A verdade é que temos um país sem presente e sem futuro. Agora: sem passado. Um dia será diferente?

## ADQUIRA NOSSOS LIVROS



### ERROS DAS POLÍTICAS DE SEGURANÇA PÚBLICA

Dr. Marcio Junqueira Lisboa  
248 páginas



### A REDESCOBERTA DO BRASIL

O Barco do Rei  
Afonso Ligório  
280 páginas



### A REVOLUÇÃO DOS PREFEITOS

O Brasil não precisa de estados  
Raul Ferraz  
176 páginas

ACESSE NOSSO SITE:

[WWW.THESAURUS.COM.BR](http://WWW.THESAURUS.COM.BR)

**Frete grátis para todo o Brasil**  
**Ou ligue: (61) 3344-3738**

# ANDAR ÀS VOZES EM LUIZ OTÁVIO OLIANI

Diego Mendes Sousa

Existe um poeta autêntico, que sabe raspar e lapidar o poder enigmático da palavra de outrem.

Característica de destaque na vida e na obra de Luiz Otávio Oliani é a generosidade. Indivíduo que sabe reconhecer as suas influências sem se deixar apagar. Sua estrela tem um ritmo de afogado, de emergência e de água ressuscitada.

Também trata os outros escritores como se fossem o seu eu – prestando homenagens – em busca de linguagem, de metáfora, de metonímia, na liturgia de muitos silêncios, dentro de tantos e arrebatados gritos.

O painel é diverso, cintilando raízes profundas e permanentes em ecos à moda de Astrid Cabral, Antonio Carlos Secchin, Álvaro Alves de Faria, Noélia Ribeiro, Diego Mendes Sousa, Alexandra Vieira de Almeida, Nuno Rau, Lenita Estrela de Sá, Adriano Nunes e Mia Couto, a demonstrar que a luz pode ser revista sem ser espelho repetitivo.

Suas *Outras Vozes* e suas *Águas* são ressurreições da criatividade, da imaginação, da inspiração e do conselho humano em extrema identidade e impressão.

Luiz Otávio Oliani faz andar às vozes!

Esse caminhar é um burilamento de respeito e de devoção à Poesia.

Nas páginas deste livro, o leitor estará evidenciando poemas que existem sobre outros poemas. Pergaminhos raspados para reescrever a inutilidade imediata da poesia. Vozes que são velas ao mar, faróis de horizontes, à maneira de Carvalho Júnior, Jorge Ventura, Arriete Vilela, Claudia Manzolillo, Celi Luz, Airtton Souza, Anna Maria Fernandes, Pedro Du Bois, Ana Cristina Rosito, Leandro Alves, Dora Locatelli, Rogério Salgado, à guisa de Luiz Otávio Oliani e os seus espectros vívidos. Águas que fluem reveladas.

Das múltiplas lições de Luiz Otávio Oliani, eis que no abrigo dos seus fantasmas de água de torna-torna preserva-se a novidade: “*com a ferramenta / o poeta talha a matéria / artesão do infinito / escultor do pensamento / ao polir o nada / faz da palavra / a essência.*”

Por tudo, pelo sonho em volta, pela pelagem dos sons, pela vibração do olhar em sentinela, Luiz Otávio Oliani acelera-se e mistifica-se por andar às vozes.

## UMA ESCOLHA DIFÍCIL

Ana Miranda

**M**eu coração bate apressado, vou ter de fazer uma escolha soberana. E não confio em ninguém, em nenhum partido, em nenhum programa, em nenhum esquema, em nenhum sistema, em nenhum candidato. Não confio nem em mim mesma. É o momento. O que fazer?

Os dicionários dizem que escolher é optar entre uma pessoa e outra, ou entre uma coisa e outra, demonstrar preferência, predileção, selecionar os melhores entre os piores. Acontece que o verbo escolher é transitivo direto e, até, bitransitivo.

Verbos transitivos precisam de predicado, não fazem sentido sozinhos. Não o predicado apenas como virtude, qualidade. Predicado verbal é o que

tem por núcleo um verbo com ou sem complemento, exemplo: O político assaltou os cofres e se reelegeu.

O verbo escolher é complicado. Exemplo: Ele ofereceu. (O quê, a quem? Eis aqui um verbo que necessita de dois complementos, afinal, tem duas questões, até então, sem respostas.) Ele ofereceu um revólver ao menino.

O verbo transitivo indireto leva preposição, exemplo: O Brasil precisa de honestidade. Nessa frase a preposição tem sido tudo, e as outras palavras, nada. Escolher é um verbo difícil como a própria escolha. Ando meio pessimista.

O pessimista é uma pessoa que, podendo escolher entre dois males, escolhe ambos, dizia Wilde. E que devemos escolher os amigos pela beleza, os

conhecidos pelo caráter e os inimigos pela inteligência. Quem será o político mais inteligente?

Não posso deixar de votar, tenho nas mãos o destino. De um lado os gregos, a raiva explodindo, de outro, os troianos, o desejo de vingança. E, bem no meio, temos o santo de casa, ele não faz milagre, mas é de casa. O problema maior não é a escolha, mas as consequências.

Podemos recorrer a São Francisco de Assis, que diz, onde há ódio, leve o amor. Mas como levar o amor, neste caso? Amar, verbo intransitivo. O amor nunca falha, diria o apóstolo Paulo. Onde há desencanto, desesperança, é melhor ver o lado bom e o lado bom é que posso escolher. Mas a escolha é difícil.

### POEMAS DE LINA TÂMEGA PEIXOTO

#### ARTEFATO

Bojudo  
o ar dentro do vidro  
vai soprando o vazio  
e abre a artéria do pássaro.  
A tensa crepitação do corpo  
reparte a forma dividida  
em bico, olhos e plumagem branca.  
O talo do pescoço se dobra  
e arfando as penas  
equilibra-se  
na quietude acobreada da lama.  
  
Costura o voo em sua volta  
e pouca na jarra.

#### O VESTIDO

A cambraia da saia frisada  
esvoaça a dança entre as pernas.  
O ar desfolhado do respirar  
torneia a madureza dos seios  
e rega o regaço da blusa  
de rendas de prata.  
Semelhante à ancoragem de amor  
o colar escreve carícias no pescoço.  
Inclina-se o corpo em ardimento e flor  
para a sombra molhada de brancura.  
  
O anoitecer do tempo  
com seu povoado encardido e roxo  
despe meus pedaços de alegria  
e o cárcere deslumbrante do vestido.

### CANÇÃO URBANA

Fernando Mendes Vianna

Os casais de namorados  
inflamam a tarde cinzenta.

Minha tristeza se ausenta  
por vê-los incendiados.

Os pares entrelaçados,  
nesta urbe dividida,  
são brados de luz nos ares,  
numa terra escurecida.

Os casais de namorados!  
São eles o sal do mundo.  
Seus lábios estão habitados  
de vida, até o fundo.



# RETRATO DE ÁLVARO LINS

M. Paulo Nunes

Em uma tarde de cansaço e tédio, nesses momentos em que mergulhamos na mais absoluta solidão, peguei por desfastio talvez, um dos volumes da prosa diarística do meu velho amigo de infindáveis leituras, o inolvidável romancista Josué Montello, um dos melhores prosadores de nossa língua, o *Diário do Entardecer* (1967-77). E ali me deparei com um retrato perfeito de Álvaro Lins, o notável crítico literário dos anos 30 a 60, do século passado. Com ele reconstitui parte de minha vida literária, que começou na adolescência, num dos períodos mais felizes, o do encontro com os meus companheiros de geração e o doce convívio que com eles mantive, em longas e intermináveis conversas literárias, em nossa Arcádia Teresinense. Segundo Charles du Bos, para quem sua vida começou após a leitura da *Introdução à Metafísica*, de Bergson, a minha praticamente teria início após o meu encontro com os companheiros de geração, aquela que eu chamaria de a “geração perdida”, tomando de empréstimo a frase de Gertrude Stein. Título este adotado em meu livro de estreia que deixou muita gente intrigada. Também eu praticamente nasci após esse encontro decisivo com os meus companheiros de geração.

E lembrei-me também que foi através dessa notável figura de crítico literário e ensaísta de peso, que acendeu meu interesse literário. Além do mais, quando, pouco depois, passei a lecionar português e literatura, no Liceu e, posteriormente, na Faculdade de Filosofia, nunca mais deixaria de lê-lo interessadamente, até conhecer-lhe toda a obra, sem falta

de um só de seus livros. Começaria pelo *Jornal de Letras*, em seis séries, uma recolta de seus estudos de crítica literária publicada no rodapé de crítica do *Correio da Manhã*, então dirigido por Paulo Bittencourt e posteriormente reeditados com os títulos *A Glória de César e o Punhal de Brutus*, *O Relógio e o Quadrante* e *Os Mortos de Sobrecasaca*, até seu último livro polêmico *Missão em Portugal*, assinalando seu desencanto com a política e a literatura, ao fugir ao convívio dos amigos e colegas da Academia Brasileira, até o seu desenlace.

Mas, demos a palavra a Josué, seu amigo e companheiro de geração, para o retrato de que lhes falei no início. Em nota de 9 de julho, 1969, assim se manifesta o autor de *Os Tambores de São Luís*:

“Há pouco mais de dois anos, quando reatei minhas relações com Álvaro Lins, interrompidas desde o tempo em que ele servia como Embaixador do Brasil em Portugal e eu lecionava literatura brasileira na Universidade de Lisboa, não tardei a reencontrar nele o companheiro de outrora – sem os hiatos que lhe dificultavam o convívio.

Quis ele ser, novamente, desde esse reencontro, o companheiro de largos gestos afetuosos. Não sabia ser moderado ou equidistante. Era amigo ou não era. Houve um momento em que, dirigindo o suplemento literário do *Diário de Notícias*, proibiu que ali saísse meu nome. Foi mesmo peremptório:

– Enquanto eu dirigir o suplemento, o nome de Josué Montello não se imprime aqui. Ainda que ele tire o Prêmio Nobel.”

E conclui a nota:

“Chegou-me do Brasil, ontem, a notícia da morte desse grande companheiro. A rigor começamos juntos, no Rio de Janeiro. Juntos caminhamos durante um largo estirão de nossas vidas. Sinto-lhe a morte como se perdesse com ela um pouco de mim mesmo.

Álvaro, nos últimos anos, voluntariamente se retirara. Nascera com a vocação dos primeiros postos. Dos primeiros lugares. De repente, tornando ao Brasil, voltara à rotina de outrora, sem ânimo para retomar a sua pena de crítico literário, já superada pelo longo intervalo da militância combativa, num grande jornal. Isolou-se. Fechado no seu apartamento. Longe dos amigos. Ausente da Academia.

Como deixar de recordar, nesta hora de consternação profunda, o Álvaro Lins dos primeiros anos, logo após a publicação da *História Literária de Eça de Queirós*. Ninguém mais brilhante, nem mais destemido. Com ansiedade, esperava-lhe o artigo, todas as semanas. Bernanos identificou na sua prosa um frêmito de indignação pascaliana.

Em outubro último, quando fui vê-lo no seu apartamento do Parque Guinle, instei com ele para que retornasse ao convívio dos companheiros, na Casa Machado de Assis.

Álvaro, por fim, me atendeu, mas dando preferência aos companheiros mortos: desde o dia 4 está ele agora no Mausoléu da Academia.” (Ob. cit., pp. 292-5)

## NO MEU NATAL

Elza Zarur

Eurico, que saudades de você! Que vontade imensa que hoje fosse Natal e eu pudesse lhe telefonar cedinho e ir logo dando a “ordem do dia”, lembra?

Era mesmo muito engraçado e só nós entendíamos este meu comando: “*Coloque aquela camisa listrada de marinho e branco, tá? Não se esqueça, também, do perfume que lhe comprei e daquele sapato marrom novo, com a meia creme. Quero você bem lindo nas fotos, hein? Ah, vamos marcar logo 7 e meia na esquina que sobe para o La Salle, não quero entrar na W-3. OK? Um dos meninos vai pegá-lo.*”

E era assim que o dia 25 de dezembro começava entre nós!

Como era bom!

Já acordava animada.

A mesa da ceia eu gostava de ajeitar sempre de vésperas para testar cada brilho da decoração. A Vila do Papai Noel ficava no canto da direita, para que todos a vissem, logo de entrada. O centro era sempre reservado para o velho presépio da nossa infância que todos os anos, não tem jeito, me faz viajar nas lembranças. Parece que ainda vejo, agora, nosso caminhar feliz indo com a mamãe lá na beneficiadora do Sr. Carlos Soares para pedir dois montinhos de arroz com casca.

Em casa, a gente os ajeitava no prato fundo esmaltado branco, forrado com algodão molhado e não mais do que 3 meses eram necessários para que virassem uma matinha verde, de 10 cm de altura, que faria sombra à manjedoura. Até pouco tempo, Eurico, eu ainda tinha o pedaço de espelho que ela usava para si-

mular o laguinho dos patos. Acredita? Era um charme esse detalhe!

De tarde, na copa, era hora de ajudarmos mamãe a fazer o pão dourado, aquele delicioso doce da nossa infância. Quando o dia ia acabando ela escolhia um de nós para acender, com a velha caixinha Fiat Lux, a vela do presépio que daria o clima de noite de lua, e com estrelas, para iluminar o caminho dos três Reis Magos.

O menino Jesus – isto já era tradição das antigas – ficava sempre escondido em algum cantinho e só podia nascer na hora em que, juntinhos ao presépio na sala da frente da casa, escutávamos mamãe com suas orações. Pequenos que éramos, esse momento era enorme!

Também, não era nada fácil ficar quieto, de joelhos, com aqueles vestidos de organdi “piniquento” para tentar entender a política de seus perdões, que abrandava qualquer erro dos adultos, e conseguir acompanhar suas orações sem conversarmos com olhinhos de lado e muita curiosidade.

Afinal, o importante eram os presentes e o poder sair correndo depois, exibindo alegria de criança que acreditava em Papai Noel.

Para mim, nada de bonecas caras, mas de uma coisa eu fazia questão: que fosse só minha e que tivesse diâmetro suficiente para se ajustar ao meu colo de menina... E surgiam sempre, não sabemos por qual dos milagres, carrinhos de madeira; caixinhas de bolinhas de gude; panelinhas; sabonetes para a vovó e bonecas de papelão, das imensas, com vestidinhos de retalhos dos nossos, barrados e engomados.

Assim, de lembranças em lembranças, eu ia terminando a minha mesa.

O chester com farofa de miúdos bem molhadinha e enfeitado com fios de ovos que refletia um lindo dourado em tudo; a tábua de frios sortidos; cesta de frutas; o tender caramelado com rodela de abacaxi; figos frescos; ameixas pretas e cravos da índia; a bandeja de rabanadas que você gostava de comer antes da ceia; e o som, bem natalino, alegrando o ambiente.

Eu deixava para o final o meu famoso – modéstia à parte – e bem disputado bolo de nozes com cobertura de creme inglês. Lembra?

Tudo pronto e era a hora de começarmos o nosso tão alegre brinde. Antes, porém, em meio da tamanha confusão das conversas, você pedia tempo para dar uma geral na família e perguntar sobre cada um, usando o nome duplo das Marias, de nós, irmãs, e incluindo a imensa lista dos sobrinhos.

Com seu famoso sorriso, lindo, queria notícias até dos vizinhos, menos amigos do que meros moradores do lado. Você demonstrava a satisfação por tudo e por todos!

Mas, agora?

Brindar como, Eurico?

Brindar o quê?... diante das imensas saudades que sinto de você?

Faz dias que o procuro e não o encontro, em lugar nenhum.

Como consegui sumir assim do nada, se estávamos juntinhos???

Dezembro já chegou, Eurico, preciso programar logo as festas de final de ano e, por favor, lembre-se, como e onde quer que você esteja, de qualquer forma, continuará sempre presente *No Meu Natal!*

# VIDA E MORTE DE UM GRANDE AUTOR

Marcelo Torres

**M**esmo com tudo isso, com toda a confusão da primeira noite, o casamento não foi desfeito, a vida seguiu, só Deus sabe como. E eles tiveram filhos. Tiveram filhos, mas nunca se beijaram. Aliás, houve, sim, um beijo. Foi numa noite em que ele chegava do trabalho e ela pulou em seu corpo e tacou-lhe um beijo na testa. O marido, contudo, não aprovou e a afastou com um empurrão. “Não gosto deste gesto de prostituta”, disse ele. “Era o primeiro e último beijo, o *osculus bellicus* [beijo de guerra] que nos apartava de vez”, registrou ela.

Homem de disciplina espartana, ele saía cedo para o trabalho, chegava em casa já à noite. Engenheiro militar e jornalista, viajava muito, chegando a passar meses, às vezes mais de um ano, longe de casa. Sua dedicação ao trabalho deixava a relação conjugal em segundo plano. Já a mulher, que desde o início estava infeliz no casamento — vivia pedindo a separação, que ele não aceitava —, e não demorou para que ela se apaixonasse perdidamente por um jovem de dezessete anos.

O caso passou a ser conhecido, primeiro, pelos vizinhos; depois, por quase toda a cidade, dos cafés aos botequins, dos salões de beleza aos salões nobres da capital do país. Enquanto o marido, um escritor já famoso, imortal da Academia Brasileira de Letras, andava em viagens pelo país, sua mulher e o amante não raro, e sem grandes disfarces, eram vistos passeando pela cidade, às vezes até de mãos dadas. Já havia meses, na verdade anos, três a quatro anos, ele tomara conhe-

cimento do caso, mas ora optava pelo silêncio, ora a tratava com insultos e ameaças.

Os três primeiros filhos, com pele parda e cabelos e olhos escuros, possuíam os traços físicos do pai. Quando, porém, chegou o caçula, com a pele branca, os olhos claros, os cabelos loiros, ele disse que nascera “uma espiga de milho no meio do cafezal”.

Um dia, uma sexta-feira de agosto, o casal brigou feio e ela acabou fugindo de casa com o filho mais novo. Passou três noites dormindo fora, com certeza na casa do amante. Do domingo para a segunda, uma conhecida, uma tia do amante, disse a ele: — Aquela sonsa merece morrer. Se eu fosse o senhor, eu ia lá e matava ela. Matava e ainda cuspiam no cadáver.

Naquela noite, uma noite de olhos acesos, ele falou para o filho mais velho: “Amanhã vou colocar um ponto final nessa história”. Varou a madrugada lendo cartas, olhando fotografias, caminhando pela casa. Acendia um cigarro após o outro, fumando até as seis, quando acabou o último dos cinco maços. Às sete horas, na cozinha, tomou café preto, puro e olhou as facas — não, não serviam. Foi então pedir a um primo, de empréstimo, um revólver calibre 22. “Eu preciso matar um cão hidrófobo que está me inquietando lá em casa”, justificou ao parente, que talvez já desconfiasse do verdadeiro motivo.

Na manhã fria e chuvosa de segunda-feira, o céu todo escuro, às nove e pouca, com a arma escondida, Quide tomou uma condução para o outro lado da cidade, para uma casa no subúrbio, onde moravam os irmãos Dino e Didi — este, o amante de sua mulher, Saninha. Quando chegou ao portão da casa 214, na Estrada Real de Santa Cruz, no bairro da Piedade, zona

norte do Rio, Quide se anunciou dizendo ter chegado ali “para matar ou morrer”.

Antes de Dino abrir a porta, Saninha, ouvindo a voz ameaçadora do marido, escondeu-se nos aposentos da empregada; Didi correu para seu quarto, onde mantinha uma arma. Quide entrou aos berros, revólver em punho, derrubou a porta do quarto com um pontapé e atirou várias vezes, acertando a nuca de Dino e a coxa de Didi. Este, que era campeão de tiro na escola militar, reagiu também atirando. Com uma bala cravada no peito, o escritor **Euclides da Cunha**, autor de *Os Sertões*, tombou morto, aos quarenta e três anos.

Pouco tempo depois, a tragédia teria pelo menos outros dois capítulos. Em um, Dinorah de Assis, o Dino, afogado em depressão depois das sequelas do tiro recebido, acabou tirando a própria vida. No outro, Euclides da Cunha Filho, o Quidinho, com o intento de vingar a morte do pai, disparou tiros em Dilermando de Assis, o Didi. Este chegou a ser atingido por uma bala, nas costas, porém, valeu-se mais uma vez de sua exímia pontaria e acertou e matou o desafeto.

Saninha nasceu Anna Emília Solon Ribeiro. Quando casada com Euclides, teve o nome Anna Emília Ribeiro da Cunha. Depois, com Dilermando, passou a assinar Anna Emília Ribeiro de Assis. Teve onze filhos, cinco (ou quatro) de Euclides e seis (ou sete) de Dilermando, o homem que matou seu marido e um dos seus filhos.

Fiquemos, pois, com as palavras de Euclides, lá no epílogo de *Os Sertões*: “Forremo-nos à tarefa de descrever os seus últimos momentos. Nem poderíamos fazê-lo. Esta página, imaginamo-la sempre profundamente emocionante e trágica; mas cerramo-la vacilante e sem brilhos”.

## O POETA NÃO VEIO PARA RESPONDER

Joanyr de Oliveira

Ao Fernando Mendes Vianna

O poeta não veio para responder.  
Nem para fazer: a água, o prado,  
o pranto, o sonho, o susto, o grito,  
o muro, a crença, a lança, o mundo...

O que existe já moldou sua própria fisionomia.

O que pulsa já mediu seus rumos,  
sua intensidade real.

O que paira já estabeleceu sua correta cronologia.

O poeta não veio para responder,  
senão para a tessitura das dúvidas e incógnitas.  
Para a antevéspera, para a eternidade sem aplauso,  
para o anverso da matéria, das normas, das teorias.  
A exatidão jamais se casou  
com a alma da poesia.

Nos meios-tons, reside a verdade perfeita.  
No indivisível, tudo está sem turbacão alguma.  
No irrevelado, pontifica o coração do mistério.

Se quereis saber, indagai aos magos,  
aos iluminados em seus montes e transfigurações,

aos espíritos salpicados de estrelas,  
aos físicos, às dialéticas, à meteorologia, às aves,  
à lucidez das loucuras.  
Indagai a vós mesmos.

O poeta não veio para responder:  
palavras deslizam em sua boca,  
conceitos se ampliam mas, lívidos, desfalecem.

Os liames com o cosmo diluem-se num átimo  
ante o verbo e a eloquência.  
Os tribunos (sim) estão para os transbordamentos.  
Os pregadores, em seus santos delírios,  
se espargem nas alturas.  
(Colhei nos dilúvios de suas bocas.)

O poeta se oculta (e se revela)  
nos cernes dos entes e das coisas.  
Seu domicílio é o inefável, o inviolado silêncio.  
(Seus lábios pertencem aos deuses.)

O poeta não veio para responder.

## DESEJOS

Ana Maria Lopes

O que ela queria?  
Já havia decifrado o corpo do amor  
dera prazo ao imponderável  
descoloriu olhares em bares e orgia

Desanuviou perfis  
de antigos amantes  
Não sabia mais o nome da fome  
nem do primeiro homem

Queria a volta de suas infâncias  
Queria impedir as horas  
quebrar a ampulheta  
para o tempo correr como areia

Assim, anularia o sol para sempre  
e se deixaria sangrar docemente  
pela lua cheia

Era isso que ela queria

# NERUDA

## Raquel Naveira

Neruda,  
Escrevo-te esta carta  
Porque preciso de ajuda,  
Podérias me enviar da Ilha Negra  
Um punhado de peixes cintilantes,  
Um sopro de vento salgado,  
O som dos sinos  
De quem entra  
Em teu jardim?

Neruda,  
Escrevo-te esta carta,  
Acode-me,  
Assim como cantaste  
Os rios da América:  
O Amazonas,  
O Orinoco,  
Artérias nas cordilheiras  
Onde a neve  
Desliza úmida  
E as rosas explodem selvagens,  
Cantei minha terra  
Cheia de pássaros e pantanais,  
Tiritei de frio  
Sob os astros siderais.

Neruda,  
Escrevo-te esta carta  
Porque tudo muda a cada dia,  
Menos o dever do poeta  
De levar sonho,  
Luz e noite,

Razão e desvario  
No meio das revoluções que eclodem  
Em sangue  
E fogo sombrio.

Neruda,  
Escrevo-te esta carta,  
A face sisuda,  
Perdi amigos  
Como também perdeste:  
Federico, o inventor de estrelas,  
Éluard, o camarada francês,  
E Gabriela Mistral,  
A amada filha dos joios,  
Que tremulavam amarelos  
Entre pedras e canais.

Neruda,  
Escrevo-te esta carta  
Porque estou triste  
E posso escrever versos tristes esta noite,  
Não desgruda de mim essa névoa,  
Essa mágoa  
Como a que borrifava  
Tuas carrancas de proa  
Nos oceanos perdidos.

Estou acorrentada  
Na minha Ilha Negra,  
Entre livros,  
Jacarés,  
Cristais partidos,  
Fragmentos de lembranças.

No peito  
Bate o coração  
Como um relógio sufocado na areia;  
Armada até os dentes  
De uma ardente paciência,  
Entrarei nas esplêndidas cidades,  
Assim profetizou Rimbaud  
E sei em que tenho crido:  
No pão que amasso  
Com minhas mãos,  
Meu espírito,  
Minha respiração,  
Pois nada foi esquecido.

Escrevo-te esta carta, Neruda,  
Na luta pela felicidade,  
Na fé que se exercita  
Por longos anos  
De amor indelével  
Pelo ofício.

Aguardo resposta,  
Uma letra  
Que venha  
Como um navio numa garrafa,  
Como o fantasma de uma casa,  
O vibrar de uma onda  
Ou o toque de uma asa de gaivota.

Aguardo, Neruda,  
Sou devota,  
Inclino-me atenta ao silvo da poesia,  
Sacerdotisa dedicada  
A uma absurda liturgia.

## DA ARTE DE CRONICAR

### sôniahelen

**T**enho lido algumas crônicas de Danilo Gomes que ele, muito gentilmente, me envia de quando em vez.

Criadas em épocas diversas, com temática variada, mais ou menos comportadas, às vezes bem curtas, outras nem tanto, têm em comum a leveza da escrita, a sagacidade do observador, a ironia do crítico, e revelam, à larga, a maestria do cronista. Deliciei-me com cada uma delas.

Apreendi muito sobre o *Augusto Frederico Schmidt*. Passei em *Diamantina*, apreciando cada rua, cada loja, pousada ou bar, deliciando-me com o aspecto colonial da cidade, que me lembra a minha Velha Goiás.

Li *Tropeiros, tropas e boiadas* com atenção e prazer, por minhas origens caboclas, de famílias que tiveram fazendas em Goiás e conheceram, cotidiana e intensamente, a vivência rural. Encantei-me com o murmúrio das águas do seu riacho onde era possível inebriar-se de água, silêncio e solidão, que me transportou à infância na fazenda de meus pais, cortada por não sei quantos riachinhos bucólicos e sussurrantes como o dele. Ali, também, se ouvia outro cantar, pois estávamos *No tempo do carro de boi*, alguns bem adestrados e outros bastante tinosos, dando trabalho ao carreiro e nos divertindo ao observarmos suas artices.

“*Tropas e Boiadas*” foi um livro a mim recomendado por meu pai, quando eu tinha treze ou catorze anos. Nasci no meio de livros. Minha família era de políticos e governantes, intelectuais, escritores, poetas, músicos e compositores. Nasci, portanto, entre versos, romances, crônicas e discursos e vivi no meio desse emaranhado. Talvez daí esta minha mania de brincar com as palavras, até de inventar algumas.

Relembrei minhas temporadas no Rio de Janeiro, onde passava as férias durante a juventude; o Sr. Fontoura, de *Irmão Fontoura, entre os eucaliptos*, tinha muito das irmãs dominicanas, do colégio onde fiz o primário, também com um internato, ainda que eu fosse externa. Ali também aprendíamos o “*Tantum Ergo*”.

A sua *Daphne* me fez lembrar figuras lendárias de Goiás Velha, em torno das quais havia uma aura de irreal ou fantasioso, respeitado pela criançada da cidade. Conheci uma Dona Ordália, que morava em frente à minha casa, na infância vivida na antiga capital (*Ordálio, ordália*). De ordálio, não tinha conhecimento.

Tive uma *Parker 51*, de cor turquesa, a caneta mais lembrada da minha adolescência. Até hoje, tenho particular preferência por canetas tinteiro.

A “*Symphony of the Seas*” fez-me querer fazer um cruzeiro, não pelo Caribe, mas nas águas do Mediterrâneo, o mar mais bonito que conheço, onde me sinto em completa paz.

Imagino quantas *Das indagações silenciosas* devem ocorrer aos que veem a moça bonita passar, com seu balanço no andar e seu encanto no ar. Vinicius e Tom já cantaram algumas delas, mas quantas mais ainda haverá?

Seus *Galos* transportaram-me a várias plagas: minha casa em Goiás Velha – lá não tínhamos galos, mas ouvíamos os da vizinhança; as fazendas de meus pais, onde os galos nos acordavam; Barcelos, onde os galos estão por toda a cidade, de tamanhos vários e cores as mais variadas; e minha casa atual, meio campo-meio, cidade, com numerosos galos em volta que não nos deixam esquecer que o “dia já vai raiando”.

Quem não gosta de *Um pequeno prazer solitário*, seja ele uma média com pão em um bar da Cinelândia, uma

música suave à meia luz com uma taça de vinho, uma caminhada no bosque ou no Champs Elysées, uma valsa bem dançada, um bom filme ou um balé, um banho de mar ou um mergulho nas águas frias de uma cachoeira, um livro arrebatador ou a companhia da pessoa amada...

A *palavra (perdão!) avuncular* é, de fato, estranha e feia. Danilo a equipara a furúnculo e escrófula, dando-lhes troféu de feiura. Atrevo-me a acrescentar “pereba”, também apta a participar deste certame.

*Toada* me levou a Ceres, cidade na qual meu avô paterno tinha um Cartório. Poucas vezes o vi, mas sua lembrança me é perfeitamente clara. Alto, de barbas brancas, silencioso e elegante, amável mas distante. *Já a Toada à moda de réquiem* me trouxe serenidade. Não percebi nela o tom triste, próprio dos “*réquiens*”. Ao invés de tristeza, parece carregar nostalgia, melancolia, ambas rimas de alegria, uma alegria suave, talvez carregada de esperança.

Mas o melhor de tudo, foi conhecer o cronista Danilo Gomes, parceiro de ofício de Rubem Braga, Paulo Mendes Campos, Arthur da Távola, Millor Fernandes, Carlos Heitor Cony, Anna Maria, Eduardo Affonso e tantos outros. Danilo Gomes, o exímio mestre na arte de cronicar, tão seguro na sua escrita, tão competente, claro e preciso na composição da crônica, tão agradável de ler, nos deixa com o gosto de “quero mais”.

Em uma paráfrase inversa a Carlos Drummond de Andrade, eu poderia dizer “*Ah, você me dá saudades de Goiás, tão irmã de tua Minas Gerais. Dá alegria na gente saber que existe bem no coração do Brasil um ser chamado Danilo Gomes*”.



# TRIÂNGULO SEM BERMUDAS

Flávio R. Kothe

**E**u queria mesmo era matar aquela mulher! Afinal, tinha me traído com meu melhor amigo! Eu havia tomado o metrô de Steglitz para o centro do que era Berlim Ocidental, pronto para me dirigir ao alto do Kudam e acabar com aquela ingrata que me traíra e abandonara! Quando cheguei ao ponto de baldeação, no Wittenberg Platz, meus pés foram para a direção errada, meus calcanhares é que se voltaram para onde era a moradia dela. Tão sábios os pés! Só se pode venerar deuses que dançam!

Meus dedos dos pés estavam indo na direção do Tiergarten, o mesmo caminho que duas semanas antes eu fizera com um médico, que tinha a mania de caminhar e queria conhecer Berlim a pé. Sim, o Muro ainda existia, como se fosse a coroa em torno de uma cabeça decapitada, já que o resto do corpo da Alemanha Ocidental estava a centenas de quilômetros. Sim, volta e meia ficávamos quase surdos com os estampidos dos caças russos que rompiam a barreira do som quando mergulhavam sobre a parte da cidade sob o controle das tropas francesas, inglesas e americanas.

Parei na mesma Imbiss-Stube em que havia parado com o brasileiro, pedi salsichão com salada de batatas e, para alegrar o dia tão amargo, dei-me uma Berliner-Weisse, mistura de champanha com cerveja que só existia em Berlim. Preferi “mit Schuss”, um aditivo de framboesa, e não o verde da esperança, para a bebida ficar no tom certo de quem queria beber o sangue de uma ex-donzela. Como uma Berliner-Weisse não gosta de ficar sozinha, na terceira eu já a estava amando mais do que a weisse Berliner, a branca berlinense que me tinha deixado na mão.

De lá saí trotando feito a cavalgada que eu me sentia, lembrando o médico a dizer que músculos de braços e pernas são outros tantos corações que temos espalhados pelo corpo. Eu realmente estava precisando deles, já que o do peito estava mais perdido que cusco em procissão, já não era mais meu amigo do peito. O médico precisava cultuar vários corações, afinal já passara dos setenta anos, o que, para os meus 22 anos, parecia uma velhice eterna: agora eu, somente duas semanas depois, me sentia atingido pela velhice do Pai Eterno. Tinha vontade de entrar num vaso sanitário e puxar a descarga: “Adeus, mundo cruel”, seria meu epitáfio! Deus, se justo fosse com seu mundo, faria o mesmo!

Um sorriso amargo repuxou meu lábio esquerdo, enquanto os pés trotavam na direção do Tiergarten. Eu era o meu próprio burro de carga. Nem a direção estava acertando. Se quisesse mesmo degolar a ingrata, teria de ir para o outro lado: ocidente, não oriente. O gosto da Berliner Weisse era melhor, porém, do que sangue de safada. Os vapores ainda me saíam pelas orelhas como se elas fossem minhas chaminés.

Ah, vocês querem saber como aqueles dois se conheceram? Imaginem um idiota, um grande idiota, daí me imaginem, façam coincidir e multipliquem por cem: terão o meu tamanho. Eu apresentei Miguelito a Felicitas! Eu já era o ficante dela há mais de meio ano, uma quase eternidade no meio estudantil em que circulávamos na época das comunas de Berlim, quando recebi um apelo de companheiros para que abrigasse por uns dez dias um peruano que havia sido preso em Londres, por conta de uma demonstração contra o Xá da Pérsia: a polícia londrina havia selecionado dois de cada organização estudantil e posto na cadeia por um ano. Assim me apareceu Miguelito, um mestiço de Cusco metido a economista. Coloquei-o a dormir no sofá da sala, enquanto eu preservava o meu quarto.

Dois dias atrás, Felicitas apareceu, queria dormir comigo, em nome da solidariedade proletária internacional. Pobre e internacional eu era, cabia ser solidário com as carências do mundo. Pela manhã, fui a Dahlem, onde ficava o Instituto em que eu estudava: eu tinha um pequeno emprego na biblioteca. Era uma forma de bolsa. Quando voltei à noite, Miguelito não se conteve e proseguiu que, como bom parceiro de Don Juan Tenório, duas vezes havia tornado a Felicitas feliz, para que não usasse em vão seu santo nome. Claro, era o modo de ela dar boas-vindas ao pobre perseguido: uma injeção de ânimo!

Bem dizia o provérbio mineiro: “Água de morro abaixo, fogo de morro acima, e mulher querendo dar, ninguém

segura”! Só que eu não fui tão compreensivo com as carências da paz mundial e, feito um porco chauvinista, expulsei-o de casa, jogando a mala porta afora. Agora eu tinha por tarefa vingar a ofensa, mas estava fracassando diante dos deuses ao ruminar uma cerveja e roer os cornos. Mais tarde eu soube que, durante dois anos, Miguelito esteve percorrendo capitais europeias, contando com ajudas que brotassem. Andava no cio feito coelho adolescente pela pradaria, até descobrir que gostava mesmo de homem. As fêmeas que traçava serviam apenas para esconder sua real vocação. Assim ele se converteu, penitente, até sucumbir de Aids, o que era moda então. Se eu soubesse disso enquanto trocava pernas, o outro canto da boca teria sorrido também.

Como eu tinha sido ingênuo ao apresentar o peruano àquela loira de olhos garços!!! Eu não tinha pontos de exclamação suficientes, nem no dicionário nem na velha Remington, para exprimir a indignação que sentia contra mim. Tinha vontade de me esganar! Após um dia todo no quarto me lamentando, minhas lágrimas eram tantas que haviam molhado o assoalho, começado a subir pelas pernas da cama e ameaçavam me afogar. Tive de sair a nado por esse salgado mar lusitano.

Com tanta hipérbole trotando pelas mesmas ruas, eu me senti um Chklóvski ressurrecto, a escrever cartas não sobre o amor, sobre o desesperado amor que ele sentia pela irmã de Elsa Triolet, porque ela decidira casar com Aragon, se não me falha a memória. Claro, o velho careca não estava em Berlim por isso, mas por ter sido dinamitador de pontes para o exército branco. Ele trocava cartas com Górkki, para que o amargo adocicasse o coração de Lênin e lhe permitisse voltar, trocava cartas com Maiakóvski, que estava apaixonado pela irmã de Elsa e se sentia traído até se suicidar porque ela preferia ficar com o marido, um sensível formalista, em vez de optar pelo amante.

Sem amigos importantes e sem nenhum futuro, eu trocava pernas pela cidade. Não, o amor não tem lógica, dizia eu para mim e para os céus que me espiaavam, ausentes de deuses, entre as folhagens das árvores. Cheguei, por fim, ao Tiergarten, o grande parque no centro da cidade. Ao menos aqui vou ter bastante grama para pastar, pensei comigo. Uma irônica primavera se estendia pelos galhos, fazendo brotar folhas verde-claras dos galhos negros, como se esperança houvesse. As jovens alemãs aproveitavam o sol para recompor as perdas inverniais de vitamina D e seus seios desnudos e branquelos se estendiam pelo gramado: ninfas havia por todos os lados, como se eu tivesse aportado na Ilha dos Amores.

Ao meu lado, num canteiro de rosas, tinha nascido uma couve-flor em meio às flores. Lá estava ela, gorducha, branquela e sem cheiro, entre as esbeltas, coloridas e perfumadas. Ouvi então uma rosa adolescente, toda encarnada, protestar contra a presença da estranha:

- Como é que você se chama?
- Couve-flor.
- Flor! Você? Flor sou eu, bonita, perfumada, elegante!
- É, mas ninguém te come!

A briga de nada adiantou, cada uma ficou no seu lugar. Fiquei com pena da rosinha e, para consolar a jovem, arranquei-lhe uma pétala e coloquei na boca. Também dava para comer. O que eu não conseguia engolir era a cena de um mês atrás, em que eu me via com um buquê de cravos rubros na mão tocando a campainha da moradia de Felicitas, para lhe estender as flores com o que eu queria que fosse apenas uma piada:

- Você não presta, mas eu te amo!

Ela me abraçou em vez de responder, sem atentar no meu esforço de caprichar no dialeto berlinense enquanto acrescentava:

- Man hat immer ein Koffer in Berlin.

Eu estava orgulhoso de saber que Koffer não era cofre, e sim a mala que se deixava para trás em Berlim, mesmo que fosse apenas de lembranças antigas, mas não sabia ainda como era cofre, pois não vivia perto de nenhum. Eu havia sido tolo, apenas tolo. Se havia algo nela que eu não conseguia aceitar, por que assumia essa voz do superego e mandava o meu id plantar batatas? Felicitas havia me convencido do meu erro:

- Was der Bauer nicht kennt, das frisst er nicht.

O que o camponês não conhece, ele não come: ah, isso me deixava na retrógrada posição de campônio, primitivo e atrasado, mas eu queria ser avançado, progressista, a favor da emancipação feminina... Caía de quatro no que eu não tinha estrutura para sustentar... Eu não sabia quem eu era.

Um jornalista carioca que estava exilado em Berlim havia me dito que no Rio, quando alguém tem dores de cotovelo, vai para a praia, toma umas cervejas, fica olhando as tanguinhas passando e, quando vê, já esqueceu. Eu tinha, porém, de pegar o touro pelas guampas, e as guampas estavam em mim. Não sendo eu o Barão de Münchhausen, estava difícil de me tirar do lamaçal puxando pelos cabelos ou pelos chifres.

Eu estava chateado comigo por ter sucumbido à irracionalidade da paixão. Eu, cria de jesuítas e luteranos, tinha abdicado da razão! Tinha confundido Felicitas com Felicidade, como se ela fosse uma alegoria para me fazer a alegria! Ficava olhando seus olhos verde-azulados e contemplava galáxias inteiras noite adentro, como se não tivesse nada melhor a fazer! “Só herege sou fiel”, citei, como se uma citação resolvesse o problema de eu me ser infiel para ser fiel a quem eu sabia que me seria infiel. Vendo tantas ninfas soltas pelo gramado do Tiergarten, será que valia a pena matar ou morrer por uma delas?

Não! A uma mulher que nos largasse, que tivesse dúvidas sobre se deveria ficar conosco ou não, o melhor a fazer não era lhe enfiar um punhal, ela não valia o preço: era enviar-lhe um ramalhete de flores! Quantas desgraças nos seriam poupadas com o chute que ela nos dava!!! Claro, Felicitas havia me procurado na véspera, ao saber o que eu havia feito com Miguelito, para dizer que eu tinha levado muito a sério o que não tinha sido sério, que eu devia entender e nada deveria atrapalhar o nosso bom relacionamento. Miguelito havia, porém, virado meu amigo depois que não mais o vi, fui ficando cada vez mais grato a ele por ter me livrado daquela felicidade mal empacotada.

Estar desiludido não me impedia de ficar novamente com fome. Aliás, abria o apetite. Fui à confeitaria da esquina e comprei três sonhos, um para cada canto do nosso triângulo. Pouco a pouco me vi comendo os três, entremeados com goles de chá inglês com um toque de leite. Eu ainda acreditava que um triângulo tem três ângulos, mas, à medida que comia, comecei a aventar que talvez não houvesse apenas ângulos internos, e sim talvez mais três do lado de fora. Fui me comendo um caminho para fora da triangulação. Acabei com os sonhos que acabavam comigo. Quando me empanturrei, tive ânsia de vômito, mas caminhei até passar: eu tinha de digerir sonhos e seus pesadelos!

Felicitas teria sido um caminho para eu ficar para sempre na Europa. Sem ela, eu tinha de assumir descaminhos vários pelo vasto mundo. Mais mundo se abria do que se fechava e mais enterrado eu ficava.

Anos se passaram. Ah, se voltei a ver Felicitas? Não naqueles anos. Uma década depois, estava eu andando distraído por uma calçada larga de Berlim, onde havia mesas esparsas de um café, quando ouvi meu nome ser gritado e Felicitas se erguer de uma mesa, me fazendo sinal para eu me aproximar. Ela queria me apresentar ao marido, um gorducho que ostentava bem-estar, um dente de ouro e uma corrente prateada entrando no bolso do colete. Eu sorri para os deuses, que assim puniam a assanhada, botando um cavaleiro gordo e careca a cavalgar sobre ela. Continuei caminhando, sem olhar para trás, enquanto ouvia os gritos dela cada vez mais distantes.

Eu me achei um covarde. E fui. Pior seria apertar as mãos e dizer “muito prazer”, charlar duas bobagens e depois sumir. Eu não era diplomata o suficiente para isso. Nem civilizado. Todo o prazer que ela pudesse ter sentido não equivalia à dor que eu havia sofrido. Eu já havia dito isso a ela, não havia mais nada a acrescentar. Não valia a pena desperdiçar a vida com quem não valia a pena. Levei meses para parar de sentir pena de mim. Oposto ao amor não é o ódio, e sim a indiferença. Eles que fizessem o que quisessem, comigo não deveriam contar nunca mais.

# MATADOURO DE VOZES

Wilson Pereira

Ronaldo Costa Fernandes é nome de destaque na literatura de Brasília. Mas é escritor de voos mais altos, com incursões, inclusive, internacionais. Autor de seis romances, cinco livros de poesia, dois de ensaio e uma novela, já conquistou importantes prêmios literários, entre os quais se destaca o importante Casa de las Américas, concedido ao romance *O morto solidário*, que teve edição em espanhol, em Cuba, e, em português, pela editora brasileira Revan.

Agora, cumpre-nos saudar o lançamento de um novo livro de poemas do autor, sob o título de *Matadouro de Vozes*, que vem reafirmar a excelência de sua produção poética.

A poesia de RCF distingue-se por uma dicção própria, com traços deveras singulares de uma expressividade surpreendente, que provoca, de imediato, o espanto e o impacto estético no leitor. Ao buscar aproximar e articular elementos concretos e abstratos, muitos dos quais de significados aparentemente incompatíveis, o poeta constrói um tecido metafórico com extraordinários efeitos semânticos e poéticos. É o que se nota em versos como os seguintes: “Penduro um século/ na parede do escritório.// As paredes/ transformam tudo em açude” (do poema “Muro das Lamentações” p. 14). Outro exemplo, de desconcertante sugestividade: “Meus pensamentos/ começam a criar escamas/ e salgam as palavras” (do poema “Réquiem do domingo”, p. 15). E ainda este dístico, de súbita sutileza: “Pobre daquele que se imagina incólume,/ perdido em seu casaco de êxtase” (do poema “Quarto de despejo”, p. 40).

Essa estranha e insistente tecitura metafórica pode causar, à primeira vista, a impressão de uma poesia sofisticada, de difícil fruição e entendimento. No entanto, o propósito do autor é o de provocar, ainda que pelo estranhamento, a decifração de sentidos imprecisos e imersos na linguagem poética. E a poesia, como outras obras de arte, procura criar sua carga expressiva fugindo ao convencional. Nesse sentido, a poesia de RCF estabelece uma sintonia fina com a sensibilidade aguçada e inteligente do leitor.

Segundo Ezra Pound (em *ABC da Literatura*), “literatura é linguagem carregada de significados. E boa literatura é linguagem carregada de significados ao máximo grau”. O poeta RCF tem consciência de sua arte e, por isso, procura criar uma poesia de configuração inovadora, sem ser, no entanto, extravagante ou árida. Assim, seus poemas, ao invés de se fecharem num hermetismo insípido, estampam-se numa malha metafórica que possibilita múltiplas e inusitadas leituras.

Apesar do teor de poeticidade cifrada e incomum, os poemas de *Matadouro de Vozes* estão permeados de implicações semânticas que remetem a uma postura do homem diante do outro e das coisas, de um modo de ver e de viver, de ser e estar no mundo. A esse propósito, vejamos o poema:

*Esquinas e dobradiças* (p. 34):  
Somos sempre hóspedes.  
A vida é uma hospedagem.  
A poeira ruiva cobre os móveis,

as dobradiças são esquinas aprisionadas  
na porta do transitório.

Aliás, o poeta expressa sua angústia no poema “Remédio do Mundo” (p. 22), do qual copiamos apenas a última estrofe:

“Mesmo sabendo/ que o remédio/ não remedia/ a dor de estar no mundo.”

Mesmo num poema como “Elevadores” (p. 20), cujo título pode pressupor a descrição do instrumento de transporte de edifícios, ou considerações acerca de sua função, o poeta extrai ilações diversas, desde a ironia à insinuação metafísica, que se pode abstrair dos últimos versos:

Elevadores

É um estômago de ferro  
que devora e vomita  
todos na barriga da baleia  
em sua viagem vertical.  
Em que andar descerei  
quando chegar a minha hora?  
No térreo das poucas ideias?  
Na planta baixa  
da arquitetura do marasmo?

Ou arranharei os céus  
com a hipótese das ascensões?

A metáfora é a figura de linguagem que rege a poesia. E RCF é pródigo na criação delas. Vejamos alguns exemplos:

“Encontraremos o clarinete dos uivos/ antes de aborrecer as paredes.”

“Cai uma chuva/ de pingos que exclamam/e chaves de interrogação/que não encontram/ a resposta das portas. (do poema “Flauta”, p. 17)

“Tenho o temperamento das especiarias/ Cravo os dentes na manhã.” (do poema “As Janelas”, p. 37)

“De todos os sabores,/o mais forte é a lembrança. (do poema “Diálogo das Asprezas”, p. 16)

“E a retina recolhe o lixo de luz dos espelhos”. (do poema “As Janelas”, p. 37)

“Uma árvore delgada/ espicha seu pescoço/ para ver/ além da cerca da imaginação.” (do poema “O Inglorioso das Horas”, p. 44).

Enfim, o poeta não é arauto de dogmas e de verdades, nem provedor de certezas. Antes, é semeador de dúvidas, criador de irrealidades, de miragens e de oásis no deserto dos silêncios. É com essa perspectiva que se deve ler os poemas de *Matadouro de Vozes*, desse ousado e criativo poeta, que é Ronaldo Costa Fernandes.

## O XENOFONTE QUE A TRAÇA NÃO ROEU

Valfredo Melo e Souza

Depois de consultas a livros velhos, páginas mortas, comparar histórias, buscar entendimento em antigos relatos, para chegar ao texto de hoje sobre Xenofonte, fui ao Machado de Assis, em *Dom Casmurro*, dando voz aos vermes que tanto penetraram nas obras literárias e como resposta escuto de um grupo de traças: “nada sabemos, Senhor, nós só roemos”. Richard Hooke (1665) compara estes insetos, por sua forma voraz, a “um dos dentes do Tempo”. Tempo que destrói, que muda, que mata, que faz esquecer.

Mas hoje estamos no século XXI. A obra de Xenofonte, *A Retirada dos Dez Mil*, (Bertrand Editora, Lisboa 2014) foi completamente explorada e traduzida pelo arguto prosador português Aquilino Ribeiro (1885-1963) onde desvenda a saga do antigo guerreiro, filósofo, escritor e narrador. A obra escrita por Xenofonte, 430 – 354 a.C, um dos mais célebres discípulos de Sócrates, abrange os impasses dos hoplitas mercenários se continuavam em combate no deserto da Síria ou se retornavam à Hélade quando da morte de Ciro, o contratador mercenário. Enfoque maior: a importância que os gregos davam à Liberdade e à Democracia; a opinião de um soldado recruta era ouvida com respeito nas decisões do exército. O que mais me encanta é ver Xenofonte usando da “licença poética” para se colocar como personagem do livro; ele é o General dos hoplitas e narrador da história. Enfim, vê-se em *A Retirada dos Dez Mil – Anábase*, uma exortação à coragem do Ser. Afinal, refazer caminhos, ter dúvidas e abrir ouvidos às opiniões dos que nos cercam é ato de extrema valentia.

Como um Júlio Cortázar, dei a “volta ao dia em oitenta mundos”. Os oitenta mundos de Xenofonte, o mundo atravessado pelos gregos: Lídia; Frígia; Lacaônia e Capadócia; Cilícia; Fenícia e Arábia; Síria e Assíria; Babilônia; Média; nas terras dos Farsianos e dos

Hespéritos; Paflagônia; Bitínia; os Trácios da Europa; Seutes. Carducos, Cálibes, Caldeus, Macrões, Colcos, Mossínicos, Cetos, Tibaremos, Armênios.

Era o ser humano cumprindo seu papel, cruzando rios, subindo montanhas, atravessando desertos lisos como o mar, lutando contra bárbaros, doenças, frio, neve, onde ocasiões surgiam em que falta mais o pão que a carne, noutras falta tudo. Ao alcançar a Babilônia, Ciro, o Chefe, o Príncipe perfeito, é morto por um pequeno dardo na famosa Batalha de Cunaxa pelo exército de Artaxerxes, seu irmão.

Mas... as guerras aqui e ali eram interrompidas para, em redondo, ler as profecias nas entranhas dos animais que seriam servidos nas hecatombes em honra a Zeus salvador, e a outros Deuses benignos que tão bem os guiaram. Todos comiam e bebiam e satisfeitos partiam para as competições. Chega o dia do holocausto. Todos em trajes de festa assistem às corridas do *dólico* e às lutas de pugilato e o *pancrácio*. Gritos, risos e imprecações de todos os lados se ouviam. Varavam o dia em procissões votivas.

Relatos fascinantes sobre a dança onde a coreografia consistia em semear a terra; o figurante que representava o papel do lavrador despia suas armas, semeava e lavrava tudo dentro da cadência da flauta. O ladrão fugia com a junta de bois; o lavrador subjugava o bandoleiro, e mãos atrás das costas, prendia-o com a soga à canga e assim entrava com ele na dança. Sucede-lhe um grupo de *mantinenses* e *arcades* endossado em belas armaduras e fazem a entrada ao som das flautas tocando marchas guerreiras. Uma rapariga aparece de adaga na mão e com destreza dança a *pírrica*; os aplausos crepitam. Perguntaram então os paflagônios aos gregos se as mulheres combatiam ao seu lado. E responderam-lhes: – **Ora essa! Foram elas que correram o rei da Pérsia do campo para fora.** Estava instaurado o “empoderamento” feminino.



# SONETO 980 DE NAURO MACHADO

Salomão Sousa

**D**evo ter uns três exemplares do livro *Nau de Urano*, de Nauro Machado, publicado pela editora Siciliano com recursos do Governo do Maranhão. Sempre tropecei em montes de exemplares dessa obra abandonados em livrarias e feiras de livro, ofertados a preços irrisórios. Esse abandono de seus livros comprova que o autor não é popular. Impopular por trazer uma poesia construtiva, de temática nada explícita, arrancada de sua inconsciência, inconformidade e, sobretudo, do conflito do autor com a territorialidade em que esteve/estavam inseridos seus passos e seus bares.

Em que pese eu juntar um monte de exemplares de *Nau de Urano* em minha casa, eu também me limitava – uma vez ou outra – a ler um ou dois sonetos do livro. Só fui me despertar para a obra de Nauro Machado após a aquisição (também numa promoção, às bagatelas, agora em livraria virtual) do livro *O baldio som de Deus*, numa edição da pouco conhecida editora Contra Capa, digna do Autor e da poesia nele contida.

Por que alinhavo uma nota sobre esse poeta, se uma centena de trabalhos já o consagram? Basta consulta rápida na internet para encontrar os trabalhos com perspectivas mais diversas em consagração de sua poesia. As minhas memórias de leitura sobre poesia talvez sejam inúteis, mas são meu ganha-pão emocional, regenerativo dos meus nervos. Através da escrita reflexiva experimento o ato histórico do poeta, podendo levar para meu trabalho a compreensão do ato criador de outro autor.

Ao estudar Nauro Machado, descobri que sua poesia é madura desde *Campo sem base*, de 1958, seu primeiro livro. O autor estava só com 23 anos e o livro incluía poemas que se tornariam clássicos da literatura maranhense. O poema “O parto”, que passaria a estar presente em várias antologias, é consagrador de um jovem autor e – reconhecamos – comovente para qualquer leitor. Ele publicaria mais de trinta livros ao longo de sua vida – carreira poética das mais produtivas do país, encerrada em 28 de dezembro de 2015, com a sua morte. Foram várias as antologias publicadas contemplando a sua obra, principalmente a incluída na série clássica da editora Global, com apresentação definitiva de Hildeberto Barbosa Filho.

A partir de certo momento de sua carreira literária, Nauro Machado decidiu numerar os sonetos que compôs numa imitação do processo de classificação das obras de música erudita. O livro *O baldio som de Deus* inclui os sonetos de números 977 a 1216, num total de 239. Tocou-me nesse livro o processo adotado por Nauro Machado para desconstruir as características do poema concreto e, ao mesmo tempo, quase zombar da forma fixa do soneto, que ele domina e nega e dela tripudie, sem nunca desgarrar das normas de composição. Quem desejar estudar a rima no universo da modernidade, terá de ter em mãos esse livro. A partição de palavras é usada para permitir a contagem de sílabas e para deixar uma sílaba interna útil para a rima com uma palavra completa. No soneto 1075, por exemplo, as rimas são *potro/trô-pegã/casco/Pásco-a/outra/tra-zendo (...)*.

Após essa breve introdução, apresento o Soneto 980, destacando um pouco dos recursos criativos usados por Nauro Machado para compô-lo:

Nesse chão vegetal dando o conforto  
de uma plantação que não mais conforta,  
pelo plantio a só dar fruto torto  
na anatomia da água também torta,

o ver de sempre é como um verde morto  
a nos mostrar por sua estéril horta  
que tudo engana no maldito porto  
dessa cidade a quem lhe abre a porta.  
Desesperado nome de lepra é esse  
da Ilha caída sem Deus ou deuses,  
para fazê-la de um sol que descesse  
para morrer ainda em mim muitas vezes,  
no tempo vindo para quem é desse  
verbo a escorrer dos lábios de Elêusis.

Trata-se de uma peça da série inicial dos sonetos do livro dedicada a São Luís – devendo lembrar que parte da cidade está encravada numa ilha –, por isso uma cidade circula na temática do poema, sendo tratada, em certos trechos, como Ilha. Sem contextualização, um poema não pode ser compreendido em sua total complexidade. A cidade, para ser instalada, substituiu a vegetação – e assim o poema constrói e retrata a cidade vivenciada pelo autor. Não consegui restituir o contexto histórico da palavra “lepra” que alcunha a cidade no poema, talvez alguma menção jocosa ao nome do rei que cedeu o nome para batizá-la ou, ainda, por ser a localidade de maior índice de Hanseníase no Brasil.

Deixo uma última observação sobre a contextualização do poema. O verso que fecha com chave de ouro o poema – em que pese sua complexa perfeição – contém um enigma. Não existe um deus “Elêusis”, mas uma antiga cidade grega com esse nome, que hoje é um bairro de Atenas. Devendo ser considerado que, numa linguagem literal, cidade não tem “lábios”, mas o poeta pode aventurar-se (e assim deve prover o poema) a criar uma metáfora atribuindo “lábios” a uma cidade. Em Nauro Machado, a expressão “lábios de Elêusis” guarda certos paralelos à localidade que está sendo abordada, de forma crítica, em sua peça literária. Há, então, uma paráfrase entre a cidade grega e a maranhense. Veja-se, não é um texto para quem não tem alto domínio do contexto geográfico e histórico de São Luís.

Portanto, Nauro Machado é um poeta complexo, que domina a construção e os diversos aspectos do tema abordado. Quanto às rimas, no citado soneto, ele faz inversão do masculino/feminino das palavras, talvez dentro dessa conotação de a cidade ser um nome feminino e ter uma nomeação masculina (São Luís). Além da riquíssima rima de *Elêusis com deuses/vezes*. Em Nauro Machado, as rimas, na quase totalidade, são muito mais que ricas, pois atrevidas.

Nunca julguei que fosse gostar tanto desse poeta! Nos seus perfeitos sonetos disfarçados de poemas modernos, esconde ou se expande um poema de total domínio da poesia das pós-vanguardas. Nesse Soneto 980, encontra-se um verso de total expansão da Poesia Concreta, com iluminações (OH): “o ver de sempre é como um verde morto”. Se é um “verde morto”, houve um vegetal retirado para incrustar a cidade. Uma metáfora incluída nesse soneto ainda merece observação para contextualização do tema: água também torta, talvez em referência aos meandros do mar que circunda a cidade. Mas, acima de tudo, algo da cidade que está em conflito com o autor, pois o poema é um *tour de force* entre autor e cidade. Assim, esse “ver de sempre”, na luta diária do autor com a cidade, tornou a localidade um “verde morto”, em razão do permanente conflito entre território e habitante.

## RÉQUIEM MATERNO

José Augusto de Castro e Costa

Quando acordei para o mundo,  
Vi um rosto alabastrino  
A beijar-me, ainda no berço  
Premeditando o destino.

Me afagou e me ensinou  
A falar e dar meus passos.  
Cheguei até ter ciúmes  
Do calor dos seus abraços !

Passou a ser a Mãezinha  
Razão da minha alegria,  
Pois foi quem me amparou  
Quando ninguém me queria !

Mas enfim foi embora  
Essa minha estrela guia...  
Fico rogando a Deus  
Por essa outra Maria !

Ao mandar que me deixasse  
Deus lhe disse, em tom profundo  
Que iria pagar em dobro  
O bem que ela fez ao mundo.

Vou chorar sempre sua falta  
Mas fazendo os rogos meus,  
Que maior felicidade  
Tenha depois desse adeus.

Pode partir minha mãe,  
Que não será esquecida,  
Porque o tempo jamais apaga  
O bem que se quer na vida.



## TERRA PROMETIDA

João Carlos Taveira

Para Dad Squarisi

Na quinta-feira, persianas  
se abrem festivas  
para o dia que surge.

Na sexta, tapetes vermelhos  
se estendem ao longo  
de uma calçada improvável.

No sábado, meu time vence.  
E a vitória por 3 a 1  
redime e classifica...

Que venha o domingo.  
Nada mais impedirá  
a conquista do campeonato.

# LITERATURA - O TESTAMENTO DE UM POVO

Gilmar Duarte Rocha

Quando a gente vê livrarias fechando aos montes Brasil a fora, não obstante o crescimento (tímido ainda) das edições digitais, não seria o caso de questionar a respeito do papel e a importância da literatura e a representatividade que ela exerce sobre a valorização de um povo ou até mesmo de uma civilização inteira. É o tipo de questão que, quando a gente pensa que o tempo e os sábios trataram de responder, de súbito, mesmo agora em plena era da robotização, quando o homem parece já estar galgando o pico da sublimação, ela vem à tona e nos arrebata com força e nos joga contra a parede, sem dó nem piedade, pois todas as nossas expectativas era de que o brasileiro – em especial – já tivesse assimilado a ideia de que é preciso ler, ler textos com substância, debater ideias compiladas sob a forma de letras, adquirir mais e mais conhecimentos e quem sabe (para quem tiver a fortuna) obter um quinhão de sabedoria.

Bem, antes de nos aprofundarmos na análise do problema (declínio da literatura no país), vale revisitar um pouco o passado e ver que o homem ganhou o rótulo de animal racional justamente a partir da invenção da escrita cuneiforme (escrita em objeto de plano liso por uma ferramenta em forma de cunha), aproximadamente há mais de 4.000 anos, quando os sumérios desenvolveram uma escrita silábica para representar a língua falada, fenômeno que se expandiu rapidamente entre outros povos do Oriente Médio, indo desaguar no famoso alfabeto ocidental, que os gregos souberam tão bem tratá-lo.

E o que isso representou? Primeiramente que não se sabia nada – no sentido documental – que a humanidade havia produzido na face da terra desde os primórdios, desde Adão e Eva no conceito criacionista bíblico, ou desde a aparição do primeiro macaco pensante, sob o prisma da teoria evolucionista de Darwin. Absolutamente nada. Segundo, a partir do surgimento da escrita, olhando em retrospecto, tudo que nós sabemos atualmente, de modo empírico, vem dos povos que habitaram o Oriente Próximo seguido dos sumérios, em destaque para os babilônios, egípcios, medas, persas e hebreus, tendo este último povo legado à humanidade conhecimentos de profunda monta de sabedoria, de historicidade, de parábolas, de folclore, através do conjunto de escritos chamado Bíblia, por sinal escritos amalgamados e refinados por outro povo que daria extrema valoração à escrita e que surgiria logo em sequência: os gregos.

Os helênicos que cuidaria da escrita não apenas como registro de fatos históricos, de assentamento de preceitos religiosos ou de códigos legais, usou-a com extrema maestria para a averbação de questionamentos, de análise, de epifania, de descobertas, enfim daquilo que chamamos de filosofia, e que teve o seu encetamento através do estudioso Tales de Mileto, que suscitou provocações como “todas as coisas são feitas de água”, assertiva aparentemente simples como essa que o filósofo Bertrand Russel apontou como “E assim começam a filosofia e a ciência” (*História do pensamento ocidental – Wisdom of the West, 1959, London, MacDonald*).

Os gregos, aliás, usaram e abusaram da palavra e das letras, começando por Homero – que acadêmicos ainda julgam como um múltiplo, ou seja, houveram vários Homeros, não um único – e por Sócrates, Platão, Aristóteles e uma infinidade de pensadores, cujo pensamento e trabalho ainda constituem todo o alicerce da sabedoria (olha o “wisdom” de Russell) ocidental e que esse conjunto de pensamentos multiscientes não teria repercussão alguma nos dias de hoje não fosse o uso bem cuidado da

letra. Até Sócrates, talvez o maior expoente dentre os filósofos atenienses, mas que não escrevia, não teria a sua sapiência reverberada não fosse a presteza e a dedicação do seu discípulo e bom escritor Platão.

Babilônia passou; a Grécia iluminada passou; outras civilizações se passaram e vieram os romanos com o seu poderio econômico e bélico. Dominaram quase tudo na parte civilizada do ocidente, impondo a sua vontade e a sua cultura. Não obstante a cultura romana ter deixado o espólio literário de figuras de peso como Sêneca, Epíteto, Marco Aurélio; o brilho das orações de Cícero; a fabulação de Petrónio, enfim levando-se em consideração que o império latino prevaleceu e predominou a ferro e fogo, a ofensa cultural dos filhos de Rômulo e Remo não chegou a 1/10 da epistemologia difundida pelos helênicos, que valorizaram os conceitos democráticos em quase todo o período de apogeu, até mesmo durante o regime dos macedônios Felipe II e Alexandre.

Veio o ocaso de Roma; a invasão de parte da Europa por bárbaros de todos os rincões, e adveio as trevas, período como ficou rotulado o que chamamos de Idade Média, onde é fato comprovado a ausência pura e simples de civilização, e, não por coincidência, uma lacuna considerável na área literária e artística, lacuna visível e profunda, por mais de sete séculos, até a oclusão da passagem de Constantinopla (importante rota comercial ocidente-oriente) pelos turcos otomanos, e o consequente advento das grandes navegações. Recorrendo a Bertrand Russel, na obra *ibidem*, “Socialmente a estrutura feudal medieval ficou instável, com uma poderosa classe de mercadores, que se uniu aos soberanos contra os barões indisciplinados”. Esse forte abalo na estrutura medieval, alicerçada em baronatos, trouxe de volta as letras ao povo, através da divulgação do Latim Vulgar, com surgimento de obras de expoentes das letras da época como Dante, Petrarca, Bocácio, Rabelais, e como consequência, uma explosão de cultura sem precedentes mediante o período do Renascimento, que desagou no

florescimento das artes e da ciência com Copérnico, Descartes, Newton e outros. Todavia, tudo ainda era muito controlado pela Igreja e pelo Estado, até chegar o Iluminismo e desbancar de vez na Revolução Francesa, que, muito mais que uma insurreição, tornou-se um marco divisor de eras: o mundo passou de “Moderno”, em 1789, para “Contemporâneo”, e nada mais foi o mesmo, pois o grande fundamento alicerçado pelos gregos lá atrás veio à tona em toda a sua magnitude, e permanece vigorando até hoje, que é a nossa boa e velha Democracia.

Em suma, revivendo um pouco a viagem das letras pelo tempo, volto ao “problema” a que me refiro no início do segundo parágrafo desse texto e que prometo “aprofundar”, e que talvez o termo correto seria “alertar”, é que o século XXI projeta alterações profundas em toda a estratificação da sociedade moderna. Uma delas seria qual o papel das letras e dos literatos dentro de uma doutrina “neo-contemporânea” que se pauta apenas no trinômio especulação financeira-armamentismo-inteligência artificial. Será que nessa nebulosa perspectiva que se avizinha no âmbito de todo o planeta haveria espaço para a paz, para a boa-vontade, para o congraçamento humano, para a reflexão religiosa, para o deleite da arte, para a sublimação de se fazer literatura de verdade?

Acho que nós, literatos em especial, que temos a sensibilidade à flor da pele, devemos mais do que nunca ficar antenados e cientes do que acontece ao nosso redor, e ter a certeza absoluta de qual será o nosso utilíssimo papel dentro desse universo estranho que se avoluma diante de nós.

Quando falo que literatura é o testamento de um povo, da existência dele, do legado que essa civilização deixará para os nossos descendentes e para o futuro da nossa espécie, reforço a assertiva com mais uma questão: alguém conhece civilização alguma que surgiu, floresceu, morreu e deixou uma herança positiva para a posteridade sem se embasar de cultura, arte e de conhecimento escrito?

## HAICAIS DE OLGA SAVARY

Olga Savary é poeta — como prefere que a chamem — de muitas facetas (a par de prosadora não menos pródiga: contista, romancista, crítica, ensaísta). Estreando em 1970 com *Espelho Provisório*, dá sequência a sua poesia com títulos estreitamente ligados aos elementos: *Sumidouro*, *Altaonda*, *Magma*, *Natureza Viva*, *Linha d'Água*. Reúne-os, com outras coleções, num volume fortemente denominado: *Repertório Selvagem*. Traduziu poetas de altíssimo valor, como Borges, Cortázar, Neruda, Octavio Paz, além de alguns dos mais famosos haicaístas do Japão: Bashô, Buson, Issa. É pioneira do haicai no Brasil. Seu recente *Ara* (palavra tupi que significa “luz”, “dia” — explica; e que, afortunadamente, tem em português um sentido também sagrado) é praticamente dedicado a essa invenção do gênio nipônico. A edição é do MAC — Museu de Arte Contemporânea Raimundo de Oliveira, de Feira de Santana; ilustração da capa: Juraci Dórea; estudo inicial: Roberval Pereyra; 4.ª capa: Antonio Brasileiro. — ABH

### MEMÓRIA DE ÍNDIO

Quando eu fui água,  
pássaro, pedra e árvore:  
o deus que eu era antes.

### MAR ANCESTRAL

É o que era a vida,  
a vida toda a viver  
desabrida.

### DEUS

Parar no 7.º dia?  
Celebro no oásis  
o deserto.

### MATURIDADE POÉTICA

Inacabada, venço  
a barca do meu sangue  
exilado das veias.